

Editorial

Editorial

Há uma relação atávica entre literatura e memória. Sujeita à sua dupla e inerente injunção - o lembrar e o esquecer -, a memória encontra amparo na literatura, desde remotos tempos. Ao fixar imagens do passado, salvando-as da completa dispersão, a literatura galvaniza os resíduos da memória, entregues ao fluxo natural e intermitente da dissolução, acolhendo esses resíduos e constituindo-se assim como um valioso acervo daquilo que de outro modo se extinguiria. Semelhante ao próprio ato de rememoração, a literatura, com sua inclinação arquivística, se empenha na luta contra a finitude (seu ingente esforço em face da ameaça de aniquilamento), convertida num verdadeiro confronto com a “lei do esquecimento”. Do ponto de vista político e ideológico, a importância de não esquecer os horrores do passado, como, por exemplo, o Holocausto e as ditaduras, se tornou um imperativo ético inquestionável no combate à persistência de ideias tendencialmente neonazistas, fascistas, autoritárias, racistas, xenófobas, etc., que grassam ainda hoje, no Brasil e em outros países do mundo, como Hungria, Itália e Suécia.

4

No que concerne ao nosso país, apesar de a extrema direita ter sido derrotada no último pleito realizado em território nacional, convém não negligenciar o vigor nada desprezível dessa ameaça demonstrada na grande quantidade de votos obtidos pelos antípodas da democracia. Quase metade da população de

eleitores desejava ver novamente no poder seu representante de feições fortemente fascistas. Nesse contexto, o apelo à lembrança de eventos históricos pretéritos marcados pela barbárie, como a ditadura militar, por exemplo, assoma como um potencial alerta para as consequências nefastas de um governo pautado no autoritarismo e na violência extrema. A literatura vem demonstrando não ser indiferente aos perigos que nos rondam. Nos últimos dez anos no Brasil vem crescendo o número de obras literárias cujas narrativas têm como epicentro o regime militar. É o caso dos romances *K. relato de uma busca* (2011), *Você vai voltar pra mim* (2014), *A nova ordem* (2019), *Júlia, nos campos conflagrados do senhor* (2020) e *O colapso da Nova Ordem* (2022) de Bernardo Kucinski, *O corpo interminável* (2019), de Cláudia Lage, *A noite da espera* (2017) e *Pontos de fuga* (2019), de Milton Hatoum, *O indizível sentido do amor* (2017), de Rosângela Vieira Rocha, *Rio-Paris-Rio* (2016), de Luciana Hidalgo, *Felizes poucos, onze contos e um curinga* (2016), de Maria José Silveira, *Mulheres que mordem* (2015), de Beatriz Leal, e *A resistência* (2015), de Julián Fuks, para só mencionarmos alguns. Em consonância, portanto, com essa robusta produção literária de inclinação combativa, disposta a intervir no contexto histórico, político e cultural atual, o presente dossiê traz para o leitor sete artigos que, sob prismas distintos, subsidiados por um vasto e diversificado cabedal teórico, abordam as relações entre literatura e memória, denunciando as diversas formas de violência que, por manobras espúrias de seus autores e cúmplices, são submetidas ao silenciamento e ao esquecimento.

No artigo que abre o dossiê, “Memória e cicatriz da ditadura civil-militar argentina em ‘Cambio de armas’, de Luisa Valenzuela”, Vitor Bourguignon Vogas analisa o conto da autora detendo-se na personagem Laura, a fim de verificar a maneira como o processo de recuperação da memória traumática da protagonista se vincula aos esforços de preservação da memória coletiva das violências perpetradas pelos militares durante o regime de exceção argentino. Vogas investe na compreensão das estratégias de resistência presentes nessa narrativa e reconhecidas também em outras obras da autora, comprometida com a luta contra as “políticas de esquecimento”. Já em “A relevância de

Sombra severa na literatura contemporânea brasileira”, Roberto Remígio Florêncio parte do pressuposto de que os mitos bíblicos reverberam na constituição dos personagens desse romance de Raimundo Carrero, publicado em 1986. Para Florêncio, o trabalho de memória presente na obra do autor assemelha-se a “quadros em movimento”, nessa história que “retoma temas problemáticos existentes na chamada literatura regional nordestina (FLORÊNCIO; SANTOS, 2020) e, ao mesmo tempo, recria-os segundo uma abordagem universal, à medida que constrói o perfil de suas personagens segundo a ressignificação de mitos bíblicos”. Na sequência, Suely Matos Andrade Ferreira, no artigo “Metáforas da perda na narrativa memorialística *Era meu esse rosto*, de Marcia Tiburi”, se detém no modo como, na obra da autora, a rememoração e a reconstituição de momentos do passado, realizadas pelo narrador em primeira pessoa, mobilizam potentes configurações imagéticas. Com base na ideia de que o *double bind* da memória - lembrar, esquecer - se ancora “na formulação de imagens como media da recordação”, Ferreira constata que essa exumação do passado levada a termo pelo protagonista visa à “busca de uma ancestralidade que trouxesse sentido à sua presença no mundo”. Já no artigo “A cidade romântica: modernidade, memória e (re)criação do passado na obra de Aquiles Porto Alegre”, Henrique Perin analisa crônicas do autor escolhido, detectando aí uma certa nostalgia da urbe agrária do século XIX, que não impede, contudo, uma espécie de encantamento experimentado em face da dimensão modernizante adquirida, no século XX, por essa capital, Porto Alegre, localizada no extremo sul do país. É no âmbito dessa dialética entre presente e passado que Perin situa a configuração da “cidade utópica” edificada na memória do autor: “Aquiles aparenta ter consciência do passado como um cenário que coexiste com o presente, ao mesmo tempo que se distingue dele”. O quinto artigo, “Imagens e memória: a gaveta vermelha e a centelha mágica”, é assinado por Marcos Aparecido Pereira e Epaminondas de Magalhães. Amparados pelo pensamento de Bachelard e Jung, bem como pelos postulados acerca do imaginário simbólico de Durand, os autores analisam o conto “Nenhum, nenhuma”, de João Guimarães Rosa, examinando a forma como elementos simbólicos presentes na narrativa se relacionam com “o

intrínseco entrelaçamento entre experiência e memória na constituição do indivíduo”. Para isso, Pereira e Magalhães buscam compreender “como as imagens psíquicas e a relação dialógica que temos com elas são fundamentais no processo de transformação e, por que não, de individualização do ser”. No penúltimo artigo, “O testemunho no texto ficcional de António Lobo Antunes e Isabela Figueiredo”, Cinthia da Silva Belonia percorre, em perspectiva comparativista, os romances *Os cus de Judas*, do autor português, e *Cadernos de memórias coloniais*, da escritora moçambicana, com o fito de mostrar o “testemunho de uma ferida aberta de Portugal” provocada pelas iniquidades do colonialismo. A autora defende a necessidade premente de se contar essa história e aponta como “única forma possível de cura” para essa ferida “o constante relato e reflexão acerca das práticas violentas durante a colonização, a guerra colonial e, em consequência desse sistema, o racismo enraizado há séculos no país”. Encerra o dossiê o artigo “O feminismo revolucionário antifascista dos anos 30: da prisão política à conquista da autoria”, de Júlia Maria da Costa de Almeida. A autora se debruça sobre obras de diversos gêneros (poemas, romances, crônicas, textos memorialísticos etc.) de escritoras da década de 30, como Raquel de Queiroz, Patrícia Galvão, Eneida de Moraes, Haydée Nicolussi e Lídia Besouchet. Almeida esclarece que o exame em conjunto dessa produção feminina deixa patente a dupla e complexa atuação dessas mulheres que são a um tempo escritoras e militantes, formando um contingente expressivo de vozes que “gestam uma nova linhagem de discussões feministas, construída no bojo dos discursos revolucionários das esquerdas, confrontando o feminismo de elite, mas principalmente o fascismo crescente e devastador que culmina no Estado Novo, no Brasil, e na Segunda Guerra Mundial”.

Consideramos que os artigos deste dossiê aportam relevantes contribuições para fomentarmos o debate que envolve as relações entre literatura e memória, legando-nos sua significativa participação nos rumos das discussões hodiernas, permitindo, com isso, desdobramentos instigantes no bojo das reflexões sobre o assunto. A todas e todos, nossos votos de uma proveitosa leitura.

Fabiola Padilha
(Universidade Federal do Espírito Santo - Ufes)

Jaime Ginzburg
(Universidade de São Paulo - USP)

Nelson Martinelli Filho
(Instituto Federal do Espírito Santo - Ifes)